

O ANTIFASCISMO ITALIANO NO BRASIL: COMPARAÇÕES INTERNACIONAIS E VIVÊNCIAS TRANSNACIONAIS

João Fábio Bertonha*

Resumen

El objetivo central de este artículo es presentar un cuadro general acerca de las actividades antifascistas italianas en Brasil entre las dos guerras mundiales. Los tópicos especialmente abordados son un enfoque comparativo con otros centros del antifascismo italiano mundial y una discusión respecto a la "transnacionalidad" de la experiencia antifascista italiana del período.

Palabras clave: Antifascismo italiano - transnacionalidad - Brasil

Abstract

The central objective of this article is to draw a general picture about the Italian antifascist activities in Brazil between the two world wars. The topics specially boarded are a comparative approach with other centers of world-wide Italian antifascism and a discussion in regard to the "transnationalization" of the Italian antifascist experience of the period.

Key Words: Antifascism - transnationalization - Brazil

Introdução

Se ignorarmos os surtos neofascistas e o surgimento de regimes populistas e/ou autoritários na América Latina e Europa mediterrânea pós Segunda Guerra Mundial (que dificilmente poderiam ser classificados como fascistas), fica evidente que a problemática do fascismo marcou centralmente um período específico, ou seja, o entre guerras. No Brasil, não foi diferente, com o tópico do fascismo sendo parte essencial da agenda

* Doutor em História Social/Universidade Estadual de Campinas, Brasil, pesquisador associado do Centro de Estudos de Migrações Internacionais (CEMI) da mesma Universidade e Professor de História Contemporânea na Universidade Estadual de Maringá. Endereço: Departamento de História, Avenida Colombo 5790 - Bloco G34, CEP 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. Email: fabiobertonha@hotmail.com

política nacional apenas nesse momento. Mais especificadamente, o problema do fascismo só se tornou um tema de discussão realmente importante, no Brasil, a partir dos anos 30, quando do surgimento de um fortíssimo movimento fascista brasileiro – o Integralismo – que quase chegou ao poder.

Mesmo antes dos anos 30, contudo, havia pessoas no Brasil que alertavam sobre os riscos do fascismo e tentavam impedir a sua ação em território nacional. Tais pessoas estavam radicadas na colônia italiana e centravam seus esforços no combate ao regime de Mussolini e não de um fascismo internacional que ainda não havia se constituído como tal. Foram italianos, assim, aqueles que por mais tempo se esforçaram para manter acesa a luta contra a direita radical dentro do território brasileiro e é a luta desses homens que será vista nesse artigo.

Iniciarei o texto com uma rápida apresentação a respeito da ação do fascismo italiano no exterior e, mais especificadamente, no Brasil, de forma a termos claro qual era o inimigo que esses italianos antifascistas estavam combatendo. Pelo mesmo motivo, abordarei rapidamente o tema do Integralismo brasileiro. Posto isso, farei um resumo da história do movimento antifascista italiano no Brasil,¹ enfatizando sua relação com os movimentos antifascistas e as forças políticas nacionais, de maneira que possamos compreender o alcance de sua luta e a sua capacidade de atuação em termos nacionais.

Por fim, procurarei utilizar a história comparativa para discutir as razões da relativa fraqueza do antifascismo italiano no Brasil e farei algumas reflexões sobre seus aspectos transnacionais, as quais ajudam a contextualizar a sua ação em território nacional e a compreender a sua capacidade em sobreviver e influenciar a política brasileira mesmo quando derrotado politicamente.

O fascismo italiano em ação no Brasil e o Integralismo

O fascismo italiano foi extremamente ativo na difusão da ideologia fascista entre os seus emigrantes espalhados nos cinco continentes, assim como no esforço para transformar essa presença de emigrantes em instrumento para aumentar a influência italiana em outros países.

O Brasil não foi, com certeza, uma exceção a esta regra. Neste país, o governo italiano teve esperanças concretas de aumentar a sua influência política e centrou tais esperanças na sua relação com o governo Vargas e, especialmente, com o forte movimento fascista local, o Integralismo. Nesse contexto, a coletividade italiana no Brasil foi pensada como força de apoio a esses esforços, num envolvimento direto com a política brasileira que deve ser incluído, seguramente, dentro da assim chamada “diplomacia subversiva” de Mussolini.

¹ Informações mais aprofundadas sobre a trajetória do fascismo e do antifascismo italianos no Brasil estão disponíveis em outros espaços. Ver Angelo Trento, “L’antifascismo italiano in Brasile”, *Latinoamerica - Analisi, testi, dibattiti*, 9, 30-31, pp. 87-98; *Do outro lado do Atlântico - Um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo, Nobel, 1989, e “Il Brasile, gli immigrati e il fenomeno fascista”, em Vanni Blengino, *La Riscoperta delle Americhe - Lavoratori e sindacato nell’emigrazione italiana in America Latina, 1870-1970*, Milano, Teti Editore, 1994, pp. 250-264; e meus livros *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre, Editora da PUCRS, 2001, e *Sob a sombra de Mussolini: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919-1945*. São Paulo, Annablume, 1999.

Para dar conta desse objetivo maior, a manutenção dos laços dos imigrantes italianos e seus filhos com a Itália e sua subordinação ao regime era fundamental. Para tanto, como aconteceu em tantos locais, houve um grande esforço para difundir os *fasci all'estero*, os *Dopolavoro* e toda a parafernália do PNF (*Partito Nazionale Fascista*) entre as comunidades italianas locais. A rede fascista conseguiu se expandir substancialmente no Brasil, mas o retorno em termos de adesões reais foi muito pequeno. Já as sessões do *Dopolavoro* tiveram mais sucesso do que os *fasci all'estero*, o que confirma sua maior capacidade em atingir a massa imigrada, mas sua popularidade também foi bastante limitada.

Com relação aos instrumentos indiretos de ação fascista nas coletividades italianas do exterior, o sucesso do regime no Brasil foi quase absoluto. Eles controlaram sistematicamente a esmagadora maioria dos jornais (inclusive o importantíssimo *Fanfula*), associações (com a notável exceção da *Lega Lombarda* de São Paulo) e escolas italianas no Brasil, utilizando-os para difundir a mensagem fascista.

No que se refere à resposta da coletividade italiana do Brasil à mensagem fascista, é possível perceber vários elementos de interesse. Um deles é a firme adesão da elite industrial italiana e das classes médias de origem italiana de São Paulo ao fascismo. Movida pela defesa de seus interesses e por uma busca de prestígio e reconhecimento, a burguesia italiana de São Paulo apoiou realmente, de forma maciça e decisiva, o fascismo. Ela apoiou financeiramente as atividades do regime no país, perseguiu seus opositores e avalizou-o frente aos seus compatriotas com o uso do seu prestígio e influência.

No que concerne os operários, parece ter havido uma menor penetração do ideário fascista entre eles. De fato, os operários de origem italiana se revelaram o grupo menos atingido pela propaganda fascista, onde as adesões reais ao fascismo foram menores e onde o antifascismo conseguiu mais apoio. Ainda assim, talvez seja mais adequado utilizar o termo "afascismo" no lugar de "antifascismo" para descrever a relação dos operários italianos do Brasil com o regime, pois eles foram efetivamente atingidos por um sentimento difuso de apoio ao fascismo (normalmente mediado pelo nacionalismo) que, se não se converteu em adesão firme ao regime, também não significou uma mobilização em favor do antifascismo.

Em linhas gerais, de qualquer forma, podemos dizer que os italianos e seus descendentes tendiam, normalmente, a ver o fascismo com um viés positivo, apesar de raramente militarem no mesmo. Isso forma um contraste notável com, para ficarmos no continente sul-americano, Argentina e Uruguai, onde a mensagem fascista recebeu, uma acolhida muito mais fria e o antifascismo um apoio, ainda que em nível difuso, incomensuravelmente mais alto.

Do mesmo modo, as idéias fascistas tiveram muito mais sucesso no Brasil do que em outros locais, como nos países anglo saxões ou nos do Prata. Realmente, enquanto tivemos, no Brasil, o mais importante movimento fascista fora da Europa,² os movimentos

² Ver, a respeito, Hégio Trindade, *Integralismo - O fascismo brasileiro na década de 30*, São Paulo, Difel, 1974; João Fábio Bertonha, "Entre Mosley, Whittaker e Plínio Salgado: Interfaces entre el Universo Fascista de Brasil y del mundo Anglosajón", *Centro Cultural Córdoba*, 19, 2003, pp. 57-68; Stein Ugelvik Larsen, *Fascism outside Europe. The European impulse against domestic conditions in the diffusion of global fascism*, New York, Columbia University Press, 2001; Sandra Deutsch, *Las Derechas - The Extreme right in Argentina, Brazil and Chile, 1890-1939*, Stanford, Stanford University Press, 1999.

fascistas no Uruguai e Argentina, por exemplo, foram débeis devido ao desinteresse das elites conservadoras por eles e sua firme manutenção das rédeas do poder. Mesmo os nacionalistas, crescentemente populares em setores da sociedade argentina naquele momento, não eram fascistas, tendo, no máximo, sentimentos de simpatia com relação ao regime.

Os antifascistas italianos que atuavam no Brasil tiveram que conviver, assim, com inimigos muito poderosos, ou seja, um movimento fascista local extremamente importante; um governo conservador, o de Getúlio Vargas, que tendia a ver toda a atividade antifascista como subversão a ser eliminada e seções do fascismo italiano que, se não controlavam totalmente as mentes dos italianos locais, tinham uma força e influência bastante razoáveis. Uma situação que marcou profundamente a trajetória do movimento no Brasil, como veremos agora.

O antifascismo italiano no Brasil: sua trajetória

Desde 1919, jornais de esquerda ligados à colônia italiana (como o anarquista *Alba Rossa* e outros) começam a publicar textos contra o fascismo. A primeira manifestação sistemática de antifascismo italiano no Brasil foi, porém, a fundação do jornal *La Difesa* em São Paulo em 1923, por iniciativa de Antonio Piccarolo, um socialista moderado italiano radicado no Brasil desde 1908 e muito ativo na vida da coletividade.

Esse jornal abrigava várias correntes antifascistas (como os republicanos, os socialistas e os antifascistas ligados à *Lega Italiana dei Diritti dell'Uomo* - LIDU) no seu interior e, em 1925, os antifascistas italianos aglutinados em torno dele conseguiram criar a primeira instituição antifascista do Brasil: a *Unione Democratica*, sendo *La Difesa* seu órgão oficial.

No início de 1926, uma assembléia da *Unione Democratica* a filiou à LIDU e, ainda nesse ano, Piccarolo abandonou a direção do jornal e, apesar de continuar trabalhando nele, a transferiu para Francesco Frola, recém chegado da Europa.³

Frola introduziu mudanças no jornal, abrindo-o para outros antifascistas italianos, como os anarquistas Oreste Ristori, Angelo Bandoni e Alessandro Cerchiai; os comunistas Goffredo Rosini e Ertulio Esposito e muitos outros. Devido a esta abertura (inimaginável nos tempos de Piccarolo) e a outros fatores, Frola entrou em atrito com Piccarolo, disputando com ele o privilégio de se tornar o representante brasileiro da *Concentrazione Antifascista* e o controle do *La Difesa*. Piccarolo venceu esse conflito em 1930 e transferiu a direção do jornal para Nicola Cilla e Mario Mariani, antifascistas recém chegados à São Paulo e que conduziram, junto com Piccarolo, os destinos do jornal até seu fim em 1934.

A experiência do *La Difesa* –conduzida centralmente pelos socialistas, de diferentes matizes, italianos– foi a mais importante dentro do antifascismo italiano no Brasil. Mesmo durante a existência do *La Difesa*, porém, outros grupos e correntes mantinham seus jornais e organismos de luta antifascista, como o *Bolletino del Gruppo Socialista Giacomo Matteotti*; o *Il Becco Giallo* de Nino Daniele, o *I quaderni della Libertà* de

³ Sobre Frola, vide João Fábio Bertonha, "Um antifascista controverso: Francesco Frola", *Mezzosecolo - Materiali di ricerca storica*, 13, Torino, 2003, pp. 217-232.

Alessandro Cerchiai, o *Italia Libera* de Pasquale Petraccone e outros. Estes grupos mantinham um bom relacionamento com o *La Difesa* na gestão Frola mas colidiram violentamente com o jornal quando ele retornou às mãos da tríade “Piccarolo, Cilla e Mariani” em 1930, gerando conflitos internos que ajudaram a minar ainda mais o antifascismo.

De qualquer forma, com o fim do *La Difesa* em 1934, o mundo antifascista italiano de São Paulo começou a desaparecer. Houve um certo esforço para lutar contra a movimentação fascista pró-guerra da Etiópia em 1935 e para angariar apoio aos republicanos quando da guerra civil espanhola a partir de 1936, mas de forma intermitente e com poucos resultados.

Entre 1935 e 1936, contudo, os antifascistas italianos radicados no Brasil puderam contar com um grau de apoio para a sua luta dentro da sociedade brasileira que nunca tinham recebido antes. De fato, a questão do fascismo foi vista, nos anos 20, não apenas no Brasil, como uma questão eminentemente italiana e que devia ser resolvida entre os italianos. Nos anos 30 e especialmente no período pós 1932, porém, com a criação do Integralismo, a questão do fascismo passou para o primeiro plano no rol de prioridades da esquerda brasileira, o que se tornou fator de revitalização de um antifascismo italiano que lutava para se afirmar e superar as crises do início dos anos 30.

Esta foi efetivamente a época, no Brasil e no mundo, das frentes contra o fascismo. No Brasil, estas frentes foram basicamente duas: a *Frente Única Antifascista* (FUA) e a *Aliança Nacional Libertadora* (ANL). A primeira surgiu em 1933 e teve o seu auge na famosa “Batalha da Praça da Sé” em 7/10/1934, quando, em violenta luta, seus membros conseguiram dissolver uma grande manifestação integralista. Logo após, porém, ela se dissolveu e foi substituída pela *Aliança Nacional Libertadora*.

Esta última, surgida por iniciativa do PCB e de outros organismos políticos em março de 1935, refletiu, no Brasil, as decisões do VII Congresso da Internacional Comunista e sua política de formação de frentes populares contra o fascismo. De fato, ela coordenou, no seu curto período de legalidade (março a julho de 1935) grande parte da ação antifascista brasileira no período, a qual foi duramente golpeada por Vargas a partir desse mesmo ano.

Os antifascistas italianos em ação no Brasil participaram ativamente de ambas as frentes. Realmente, um simples exame da lista de organismos e associações presentes na FUA pode nos dar uma medida da participação italiana nesse movimento. Nesta, estão presentes a seção brasileira do *Partido Socialista Italiano*, a revista *Socialismo* (dirigida por Frola), o *Grupo Socialista Giacomo Matteotti* (onde Frola militava), o grupo *Italia Libera* de Ítalo Carbonelli (...). Os nomes se sucedem e comprovam a participação italiana na FUA.

A própria idéia de fundar o movimento deveu muito a um antifascista italiano radicado no Brasil, Goffredo Rosini. Este trotskista, no Brasil desde 1929 e articulista do *La Difesa* na gestão Frola e em outros órgãos antifascistas depois, foi quem deu a idéia de criar a FUA aos seus colegas trotskistas. Foi, além disso, por sua sugestão que a FUA lançou o jornal *O Homem Livre*, onde Rosini também escrevia.

Francesco Frola e Oreste Ristori também tiveram papel chave na organização da FUA. Há registro de discursos de ambos nas conflituosas reuniões de constituição da Frente, os quais tiveram papel importante na superação de divergências que tornou possível a *Frente Única Antifascista*. Foi também Frola quem discursou e ajudou a preparar o

caminho para a reunião de conagração dos antifascistas brasileiros com os italianos em 10/6/1934. Por fim, ele estava na “Batalha da Praça da Sé” e foi preso na onda de repressão que se seguiu. Há registros de atuação semelhante para Ristori. No caso da *Aliança Nacional Libertadora*, a participação italiana foi menor mas, ainda assim, consistente. Várias das reuniões da ANL aconteceram na *Lega Lombarda*, grande centro do antifascismo italiano de São Paulo: antifascistas italianos de peso nunca cessaram de demonstrar a sua simpatia por ela, etc.

Vemos, assim, como a participação italiana foi importante na implantação do conceito da “frente única contra o fascismo” no Brasil. Claro que é provável que esta idéia acabasse por ser introduzida e discutida no Brasil por outros meios, dada a sua popularidade nos meios de esquerda em todo o mundo no período, se não tivessem existido os fuorusciti (refugiados antifascistas italianos) no Brasil. O fato, porém, é que os antifascistas italianos colaboraram na introdução e aplicação na realidade brasileira de conceitos chave como o da “frente única”, o que foi importante para o antifascismo brasileiro.

A recíproca também é verdadeira. Não temos dados para saber se a colaboração com os antifascistas brasileiros trouxe progressos para a luta antifascista italiana em meio a seus concidadãos em São Paulo. Parece provável que não. Em termos de sociedade brasileira, porém, os antifascistas italianos passaram a contar com uma rede de solidariedade que nunca haviam tido antes: solidariedade contra as agressões fascistas, apoio nas manifestações contrárias à Guerra da Etiópia, etc.

A brutal repressão contra a esquerda pelo governo brasileiro pós 1935 acabou com esses vínculos, o que se constituiu num sério problema para o antifascismo italiano. A repressão também o atingiu diretamente, com boa parte da liderança antifascista italiana local, como Frola, Ristori, Esposito, Rosini, Petraccone e outros, sendo presos ou exilados. Todos esses fatores (que discutirei mais a fundo a seguir) ajudaram a levar o antifascismo italiano de São Paulo a um estado de quase que total apatia no final dos anos 30. Uma tentativa de reativar o antifascismo italiano no Brasil ocorreu em 1942, mas ela também falhou, o que revela a fraqueza do antifascismo italiano no Brasil, a qual deixou a coletividade italiana virtualmente nas mãos do fascismo, numa situação que aproxima o caso brasileiro de outros países de imigração italiana e o separa de outros.

O antifascismo italiano no Brasil: comparações internacionais⁴

A reação das comunidades italianas instaladas no exterior ao fascismo e ao antifascismo foi realmente variada. Em alguns dos países transoceânicos como os Estados Unidos, o Canadá, a Austrália e o Peru, as comunidades italianas mostraram mais

⁴ Remeto a outros textos de minha autoria para uma discussão mais aprofundada dos temas aqui levantados e para estudos comparativos mais densos com outras regiões do mundo, como a Argentina, o Uruguai, os Estados Unidos e o Canadá. Ver “O Antifascismo no mundo da diáspora italiana: elementos para uma análise comparativa a partir do caso brasileiro”, *AltreItalie – Rivista internazionale di studi sulle popolazioni di origine italiana nel mondo*, 17, Torino, 1998, pp. 16-30; “Fascismo, antifascismo y las comunidades italianas en Brasil, Argentina y Uruguay: una perspectiva comparada”, *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, 14, Buenos Aires, 1999, pp. 111-133; “Fascism and Italian communities in Brazil and in the United States: a comparative approach”, *Italian Americana*, 19, Providence, pp. 146-157; e “Fascism and the Italian Immigrant Experience in Brazil and Canada: A Comparative Perspective”, *International Journal of Canadian Studies*, 25, 2002, pp. 169-193.

receptividade ao fascismo, enquanto em vários países europeus (como França, Bélgica e Luxemburgo) e na Argentina/Uruguai, as propostas do antifascismo conseguiram, mesmo sem ofuscar totalmente o fascismo, maior atenção.

É importante observar, porém, que nem fascismo nem antifascismo conseguiram conquistar completamente as comunidades italianas emigradas e que o que houve realmente foi a presença de minorias politizadas de lado a lado disputando uma esmagadora maioria não politizada e que se inclinava apenas em termos genéricos e difusos entre o fascismo e o antifascismo. De fato, o que podemos identificar são locais onde a minoria fascista foi mais forte e a minoria antifascista mais fraca e um fascismo “difuso” (ou seja, de filiação mais emocional que ideológica e menos definida) esteve espalhado pelo grosso da comunidade italiana e outros onde a minoria antifascista teve mais força e conseguiu, se não espalhar um antifascismo “difuso” entre os italianos, ao menos quebrar o consenso em relação ao fascismo. O Brasil se encaixa seguramente no primeiro caso, com um antifascismo extremamente fraco⁵ e que foi incapaz de combater com êxito o fascismo e mesmo se manter como movimento organizado.

Essa última afirmação merece ser aprofundada. Efetivamente, se queremos entender a vitória do fascismo ou do antifascismo em um dado contexto, vários elementos têm que ser levados em conta. É visível, por exemplo, como a conquista das colônias italianas no exterior só era viável quando alguns elementos estavam presentes, a saber, apoio das elites italianas locais ao regime e visão positiva dele, na maior parte do tempo, pelas classes dominantes do país de imigração; apoio da Igreja Católica; uso da mitologia fascista para recuperação do orgulho nacional dos imigrantes, etc. Também merece destaque a questão da cultura política dos imigrantes italianos. Na Argentina e no Uruguai, por exemplo, a permanência e difusão de uma cultura garibaldina e mazziniana (permeada pelo republicanismo e anticlericalismo) nas coletividades italianas foi fundamental para fazer o projeto fascista falir nesses países, o que não se repetiu em outros contextos e, com certeza, não no Brasil.

Realmente, é inútil tentar entender porque o fascismo conseguiu triunfar em uma coletividade italiana e não foi tão bem sucedido em outra sem compreender as especificidades da estrutura social de cada colônia, sua cultura política, a visão de fascismo das sociedades hospedeiras, etc. Ainda dentro dessa linha explicativa, um fator fundamental deve ser destacado: o antifascismo.

De fato, tudo parece indicar que um dos fiéis da balança da luta fascismo versus antifascismo era a existência de um movimento antifascista forte e capaz de contra-atacar sistematicamente a propaganda fascista voltada aos emigrantes. Sendo assim, nada mais correto do que concentrar nossas preocupações nas razões que explicam a força ou a fraqueza do antifascismo em diversos contextos e, especialmente, no caso brasileiro.

⁵ Nesse sentido, além da sua própria trajetória, há vários outros indícios comparativos que indicam as dificuldades dos antifascistas em criar e manter um movimento de oposição sistemática ao fascismo no Brasil daqueles anos. Em primeiro lugar, é evidente a fraqueza da imprensa antifascista no Brasil. Realmente, os jornais antifascistas do Brasil não só nasciam e morriam com imensa facilidade (com a exceção do *La Difesa*), como eram numericamente inferiores aos jornais fascistas, o que forma um contraste notável com a situação, por exemplo, na França e na Bélgica. Também o controle antifascista sobre as associações italianas no Brasil foi se reduzindo a um quase nada no decorrer dos anos 30, num quadro muito diferente do ocorrido em outros países, como a Argentina, o Uruguai, o Canadá e outros.

Nesse sentido, o grosso de minhas reflexões se centrará não na luta em si (que, como vimos, era influenciada por inúmeras circunstâncias e condicionamentos), mas na questão da capacidade ou incapacidade do antifascismo de se manter e de se auto sustentar como movimento autônomo e permanecer combatendo o fascismo.

O primeiro aspecto que elencaria como fator de enfraquecimento do antifascismo no Brasil foram as dissensões internas. De fato, não só grupos anarquistas, por exemplo, viviam em contínua disputa com os socialistas e republicanos da *Concentrazione*, como mesmo entre os socialistas (o grupo antifascista mais importante no Brasil) o conflito, por questões pessoais e ideológicas, era intenso, como a disputa entre os líderes Francesco Frola e Antonio Piccarolo demonstra exemplarmente.

Seria um erro subestimar o quanto essas divisões internas enfraqueceram o antifascismo ao desviar suas energias do combate principal contra o fascismo. Ainda assim, nos parece que a importância dessas divisões internas é superavaliada. As disputas entre os grupos antifascistas e as internas aos socialistas foram realmente fortes e prejudiciais, sem dúvida, ao esforço antifascista, mas não parecem ter sido suficientes para paralisar –por si só– a ação antifascista, que, mesmo com os grupos separados, continuou se desenvolvendo. Erã, de fato, fatores externos às organizações antifascistas que determinavam problemas aos antifascistas e não o simples fato de eles estarem divididos ou não.

Um outro fator que a historiografia internacional a respeito do tema indica como explicação para a fraqueza do antifascismo italiano em diferentes contextos –a não existência de uma liderança de refugiados políticos italianos (os fuorusciti) apta a reestruturá-lo e ativá-lo– não se sustenta no caso brasileiro: ao lado de lideranças já há mais tempo no país (como Antonio Piccarolo, Oreste Ristori e outros) os fuorusciti (como Frola, Rosini e Mariani) foram presença constante na luta antifascista italiana no Brasil e sua falta não merece ser elencada como fator de debilidade do antifascismo. Ainda assim, é evidente que o fato de muitos mais fuorusciti terem migrado para a França ou para os Estados Unidos, por exemplo, do que para o Brasil colaborou para a maior força do antifascismo nesses países.

Muito mais importante do que a presença dos líderes, porém, foi a questão da emigração maciça de pessoas de fé antifascista (não necessariamente intelectuais ou líderes de importância) da Itália, especialmente nos anos 20, para fugir da repressão fascista. Estes emigrantes foram de fundamental importância na criação de uma base popular antifascista especialmente na França e na Bélgica (para onde se dirigiram em peso), mas também em outros locais, como a Argentina. O fato dessa “imigração antifascista” ter sido, no Brasil, minúscula é de suma importância para determinar a fraqueza do antifascismo no país.

Isso não se deu apenas, porém, por uma simples questão numérica. Uma parte substancial desses imigrantes eram de fé anarquista e, especialmente, comunista, os quais levavam ao antifascismo italiano um vigor antifascista que, muitas vezes, desembocava em violência (raramente vista no Brasil)⁶ e uma disposição de enfrentar com decisão a

⁶ Apesar de episódios de violência ocasionais, não há nenhum registro de mortos em conflitos de rua entre fascistas e antifascistas italianos no Brasil. Ver *Fasci italiani all'estero, 35 morti, 212 feriti*, Roma, 1930, e *Fasci italiani all'estero, 45 morti, 283 feriti*, Roma, 1933.

propaganda fascista que dificilmente se via nos majoritariamente reformistas e pacíficos antifascistas italianos (na maior parte, socialistas) no Brasil. É uma diferença relevante e que não pode ser descartada se queremos entender as diferenças entre os antifascismos.

Essa maior disposição de enfrentar realmente o fascismo era uma questão em grande parte ideológica e que refletia posicionamentos políticos claros,⁷ mas era também um problema de contexto, o qual não só permitia a maior ou menor imigração antifascista, como dava também os contornos que permitiam ou não esse maior ativismo.

Nesse sentido, o primeiro fator que permitia mais força aos antifascistas era a relação com as forças políticas locais. Se ela ocorria, o antifascismo italiano adquiria mais força. Se não, o antifascismo enfraquecia.

Esse aspecto da luta antifascista merece, ao que tudo indica, ser estudado realmente com cuidado. De fato, uma rápida verificação da literatura disponível sobre locais onde o antifascismo italiano não teve tanta força, como a Austrália ou o Canadá, revela que a ausência de laços firmes com forças políticas locais teve peso chave para explicar essa fraqueza.

Isso fica ainda mais claro quando examinamos os países onde o antifascismo italiano foi mais forte. De fato, todas as informações disponíveis sobre os casos belga, francês, luxemburguês, argentino, uruguaio e suíço revelam as imensas ligações dos antifascistas italianos com as forças políticas locais (especialmente os socialistas) e o quanto de oxigênio essas ligações deram aos militantes italianos. Claro que essas ligações não evitavam, por exemplo, problemas dos antifascistas com a polícia e nem podiam, por si só, levantar o antifascismo italiano quando outros fatores inibiam seu crescimento. Eram, porém, uma fonte inesgotável de energia aos antifascistas e sua presença/ausência realmente é uma das chaves para explicar a capacidade ou incapacidade do antifascismo italiano em se sustentar no exterior.

Passando ao caso brasileiro, podemos realmente notar que boa parte do fracasso antifascista no Brasil parece ter se dado justamente pela ausência de laços fortes e seguros dos antifascistas com as organizações de esquerda locais, o que não indica, porém, que os próprios antifascistas fossem os culpados dessa situação.

De fato, podemos ver como, nos anos 20, o grupo chave do antifascismo italiano no Brasil –os socialistas e, em menor escala, os republicanos– hesitava, e muito, em se aliar a quaisquer grupos políticos que não compartilhasse suas idéias, o que o levava a restringir seus laços políticos com os socialistas reformistas brasileiros e o *Partido Democrático* de São Paulo. Não apenas, porém, esses socialistas reformistas brasileiros eram fracos demais para dar um apoio consistente aos seus colegas italianos, como tudo indica que, mesmo se os italianos tivessem aberto suas portas para alianças com outras forças políticas locais, não teriam tido grande sucesso, pois a questão do combate ao fascismo ainda era considerada, como visto anteriormente, algo a ser resolvido entre italianos e que não interessava aos brasileiros.

⁷ De fato, os anarquistas eram, em todo o mundo, muito mais dispostos a enfrentar os fascistas de forma direta, violenta do que os socialistas. Já os comunistas eram tão mais ativos do que os socialistas na militância antifascista que a ausência de uma militância comunista italiana no Brasil ajuda realmente a explicar porque o antifascismo italiano não se renovou no Brasil depois do fim da *Concentrazione* em 1934, ao contrário do que ocorreu em outros países, como a França.

Nos anos 30, como já mencionado, a maior abertura de líderes como Frola a outras forças da esquerda nacional e a própria percepção desta esquerda da necessidade de combater o fascismo ampliou os laços entre os antifascistas brasileiros e italianos e deu, efetivamente, nova força ao antifascismo italiano que, se não estava conseguindo se impor na coletividade italiana, passou a contar com uma rede de solidariedade brasileira que foi fundamental para a sua preservação. A repressão de Vargas em meados dos anos 30 eliminou essa rede e isso, sem dúvida, colaborou para o colapso do antifascismo italiano no Brasil no final da década de 30.

Realmente, com partidos comunistas e socialistas nativos (além dos sindicatos) fracos e na ilegalidade, faltava aos antifascistas italianos atuantes no Brasil a retaguarda e a proteção política que teria feito a diferença. A implantação de uma ditadura no Brasil em 1937 também cortou os espaços de atuação da esquerda e bloqueou as possibilidades desta fornecer apoio à luta dos antifascistas italianos.

Assim, no meu modo de entender, o grande problema a ser considerado se queremos entender a fraqueza do antifascismo italiano (e mesmo do brasileiro) no Brasil de entre guerras é o da democracia. Realmente, não há dúvidas de que o sucesso do fascismo em algumas comunidades italianas do exterior e seu fracasso em outras extrapola o problema do antifascismo. No entanto, como ressaltado anteriormente, a existência de um movimento antifascista efetivo e capaz de se autosustentar era essencial para impedir que o fascismo pudesse criar raízes entre os italianos locais. É possível estabelecer, a partir da comparação do caso brasileiro com outros países, quais condições eram necessárias para que o antifascismo pudesse cumprir esse papel.

Dissensões internas e ausência de um grande número de fuorusciti eram problemas incômodos, mas suportáveis. Muito mais grave foi a ausência de uma sólida imigração antifascista, que fornecia uma base muito mais sólida para o trabalho político do que a dos imigrantes mais tradicionais recebidos pelo Brasil.

A antipatia de boa parte da opinião pública e das elites locais pelo antifascismo e sua simpatia pelo fascismo com certeza também colaborou para o enfraquecimento do antifascismo. No entanto, era um elemento de importância relativamente menor. Realmente, o que, a meu ver, representou a questão central do antifascismo italiano no exterior foi o problema da democracia e o cenário político interno, de cada país de imigração.

De fato, usando um viés comparativo, podemos perceber como, nos locais onde a estrutura política de esquerda italiana não existia já pronta (como na Suíça) e onde a cultura política da coletividade italiana não favorecia os antifascistas (como na Argentina e Uruguai), estes tiveram que criá-las para poder ter armas para melhor combater o fascismo. Eles só conseguiram fazê-lo, porém, onde uma forte emigração política italiana (especialmente comunista) forneceu os efetivos para gerar um movimento antifascista forte o suficiente para difundir a mensagem contra o fascismo e criar um clima e uma cultura antifascista entre a massa emigrante nos locais e, especialmente, onde o antifascismo era permitido e apoiado pelos cidadãos do país. Foi esse o caso da Bélgica, Luxemburgo, dos países platinos e, especialmente, da França.

Nos países, contudo, onde a cultura política prévia da emigração não era favorável ao antifascismo e onde não houve uma imigração antifascista maciça, a base do antifascismo era muito reduzida para poder superar a imensa propaganda fascista e o resultado foi um movimento antifascista mais enfraquecido e uma coletividade italiana

mais voltada ao fascismo. A desconfiança das elites e da opinião pública com relação ao antifascismo e a pouca capacidade deste em convocar aliados de peso também atrapalhava esse esforço.

Em geral, assim, a simples existência do sistema democrático não implicava em um antifascismo italiano forte. Além da democracia, é importante não esquecer fatores como o poder de fogo dos partidos de esquerda locais e a capacidade dos italianos antifascistas de influírem neles, além de outros mais diretamente relacionados com a inserção dos imigrantes italianos em cada país. Não obstante, o exemplo brasileiro demonstra como a democracia era um dos elementos realmente decisivos para manter um movimento de combate ao antifascismo nos anos 30 e talvez mesmo hoje.

Os antifascistas italianos do Brasil e a rede internacional antifascista

A capacidade dos antifascistas italianos em ação no Brasil em influir no debate e na luta política brasileiras e mesmo de sobreviver nesse contexto adverso só era possível pelas próprias características do antifascismo italiano naqueles anos, que se caracterizava pela formação de uma rede que ia do micro, local, ao macro, mundial. Tal rede estava com seus pólos em contato permanente e isso permitia não apenas que células isoladas sobrevivessem, como que o debate político e de idéias fosse enriquecido por experiências as mais variadas, vindas de todo o mundo.

No Brasil, por exemplo, não resta dúvida que o centro da ação fascista e antifascista italiana era a cidade de São Paulo. Nesta, a relação dos italianos com o fascismo e o antifascismo poderia ser resumida do seguinte modo: um núcleo de fascistas militantes oriundos das classes médias e burguesas italianas locais e formada basicamente de italianos natos em conflito com um grupo menor de antifascistas e tendo como pano de fundo uma grande massa apolítica (e formada basicamente por trabalhadores e filhos de italianos) que, com o decorrer do tempo, foi se tornando, devido a questões de nacionalismo e de aceitação social, cada vez mais favorável ao fascismo em um nível genérico. Esse padrão se repetia, em escala menor, na maioria das pequenas cidades do interior do Brasil⁸ colonizadas por italianos.

De fato, em praticamente todas as cidades do interior o que havia era um pequeno núcleo de fascistas, reunidos em torno do *fascio all'estero*, de uma *Casa d'Italia* e de uma associação italiana fascistizada ou, no caso de uma coletividade pequena demais para sustentar uma associação, simplesmente se reunindo para manifestar sua fé fascista sempre que possível e um grupo muito menor (que, às vezes, podia se resumir a um único indivíduo ou podia nem existir no caso de postos muito pouco povoados) de antifascistas que procuravam combater a superior propaganda fascista. Entre esses grupos (sempre em contato com seus centros nervosos na cidade de São Paulo), massas de italianos apolíticos que só se dirigiam ao fascismo ou ao antifascismo (em algumas localidades e em casos excepcionais) num nível genérico e difuso.

⁸ O Rio Grande do Sul e o Nordeste formavam regiões bastante específicas nesse ponto. Ver João Fábio Bertonha. "Entre a bombacha e a camisa negra. Notas sobre a ação do fascismo italiano e do Integralismo no Rio Grande do Sul". *Estudos Ibero americanos*. 24, 2, Porto Alegre, 1998, pp. 247-268. e "Fascismo, antifascismo e as comunidades italianas no Centro, Norte e Nordeste do Brasil: Os italianos na política regional brasileira" *Clio*, 1.19, Recife, 2001, pp. 141-158.

O antifascismo italiano, assim, estava presente nos mais remotos recantos do Brasil. Mesmo em cidades menores, onde não havia antifascistas em número suficiente para manter uma associação ou nos momentos em que a manutenção de uma associação era impossível, os antifascistas acabavam se reagrupando em outros ambientes como hotéis (sendo o “Hotel Glória” do Rio de Janeiro e o “Hotel Jung” de Porto Alegre exemplos chave) ou em cafés, empórios ou outros estabelecimentos de propriedade de antifascistas, que se tornavam centros de difusão e manutenção da cultura antifascista.⁹

O mundo antifascista era, assim, um mundo em grande parte fechado em si mesmo, mas com pontes ligando-o a seus aliados e inimigos na sociedade brasileira e com contatos contínuos (na maior parte hostis e muitas vezes violentos) com sua contraparte fascista. Era um mundo, portanto, bastante limitado e pequeno, mas com conexões mais amplas tanto em nível nacional como internacional.

Tais conexões internacionais merecem ser destacadas, já que elas compensavam, em grande parte, a fraqueza local do antifascismo italiano, fazendo deste não apenas um pequeno grupo de homens isolados na América do Sul, mas sim uma célula conectada com as outras espalhadas pelo mundo e que tinha um alcance e um sentido, assim, que extrapolava a realidade brasileira.

Com certeza, não é este o espaço para detalharmos o sistema de funcionamento da rede antifascista italiana mundial, mas é fácil perceber como o seu sangue vital constituía-se na circulação de jornais, publicações, notícias, cartas e militantes entre os mais diversos países e continentes de imigração italiana. Seus “nós” eram as coletividades de origem italiana e, dentro delas, os intelectuais e líderes políticos fuorusciti (como Omero Schiassi na Austrália, Antonio Piccarolo no Brasil, Luigi Fabbri no Uruguai, Gaetano Salvemini nos Estados Unidos e muitos outros),¹⁰ as sessões das grandes associações italianas antifascistas ou dos partidos políticos italianos reconstruídos no exterior (como a LIDU, a Concentrazione, Giustizia e Libertà, o PCI, o PSI, o PRI e outros), as quais estavam espalhadas pelos cinco continentes, e os organismos supranacionais da esquerda (como as Internacionais Comunista e Socialista e os partidos que delas faziam parte).

Tais “nós” serviam para ligar as células antifascistas mesmo a milhares de quilômetros umas das outras, garantindo a globalização da sua luta e uma identidade maior. Redes de emigração regionais que levavam criação de grupos antifascistas específicos com conexões próprias (como as de oriundos da Emília Romagna na França, na Argentina e no Brasil,¹¹ as de piemonteses de Biella na Argentina¹² e as dos migrantes

⁹ Essa situação se repetiu em outros contextos, como na Austrália, onde as “casas de pensão” foram o foco do antifascismo italo-australiano por alguns anos e na França, onde o PRI superou seu quase colapso entre 1934 e 1938 através de círculos culturais de inspiração republicana e de cafés de propriedade de republicanos que mantiveram sua identidade política e cultural num momento difícil para o partido. Ver Gianfausto Cresciani, *Fascismo, antifascismo e gli italiani in Australia, 1922-1945*, Roma, Bonacci, 1979, e Elisa Signori, “Repubblicani e giellisti in Francia tra guerra di Spagna e Resistenza” in Gianni Perona, *Gli italiani in Francia, 1938-1946*, Milano, Franco Angeli Editore, 1994, pp. 138-168.

¹⁰ Nesse ponto, concordo com Fraser Ottanelli e Donna Gabaccia quando estes apresentam os fuorusciti italianos como pioneiros na organização de estratégias transnacionais de luta política. Ver Fraser Ottanelli, Donna Gabaccia, “Diaspora or International Proletariat? Italian Labor, Labor migration and the making of Multicultural states, 1815-1939”, *Diaspora* 6, 1, p. 62.

¹¹ Ver, entre outros, Salvatore Palida, “Scaldini, Ciocari e reggiani entre indifferença, ineficácia, fascismo et antifascismo dans les années 1920”, in *L’immigration italienne en France dans les années 20*, Paris, Editions du CEDEI, 1988, pp. 223-246; Franco Ramella, “Biografia di un operaio antifascista: ipotesi per

socialistas e antifascistas oriundos de Morano Calábria, presentes em toda a América Latina)¹³ e a enorme dispersão internacional dos refugiados judeus italianos pós 1938 (com suas relações específicas e, a partir de então, muito próximas ao antifascismo) são outros exemplos nesse sentido.¹⁴

Na verdade, o fascismo italiano também não agia de forma muito diferente nesses anos. A partir de um núcleo central mais delimitado –a Itália–, jornais, publicações, notícias e diretrizes seguiam para todos os países de imigração italiana do mundo e os militantes fascistas italianos circulavam, com os “nós” sendo constituídos pelas sessões dos *fasci all'estero* e dos *Dopolavoro*, pelos intelectuais e militantes fascistas e também pela rede de Embaixadas e consulados italianos espalhados pelo mundo.¹⁵ Os contatos com os partidos de caráter fascista em todo o mundo e cadeias de emigração próprias também permitiam a criação de uma identidade fascista italiana internacional, que se contrapunha a antifascista.

É fácil confirmar a presença dessa rede antifascista (e também da fascista)¹⁶ em termos de Brasil. O primeiro sinal de um alcance mais amplo das preocupações e atividades antifascistas era a maneira como os jornais antifascistas italianos do Brasil eram escritos: não só havia grandes espaços para transmitir aos leitores as últimas novidades e informações relativas às sedes centrais do antifascismo na França e análises locais dessas informações, como os grandes líderes antifascistas (Turati, Treves, Nenni, Campolongo, Salvemini, etc) eram figuras continuamente em evidência nos jornais antifascistas, assinando artigos, sendo comentados, resenhados, etc.

una storia sociale dell'emigrazione politica”, in Pierre Milza, *Les italiens en France de 1914 a 1940*. Roma. Ecole Française de Rome, 1986, pp. 385-406; Antonio Canovi, “L'emigrazione dei reggiani in Francia. Cavriago ad Argenteuil: identità e memorie in questione”, in Emilio Franzina, *Gli emiliano romagnoli e l'emigrazione italiana in America Latina. Il caso modenese*. Modena, Centro stampa Provincia di Modena, 2003, pp. 92-98, e João Fábio Bertonha, “Fascisti e antifascisti dell'Emilia Romagna in Brasile (1919-1945)”, in Emilio Franzina, *Gli emiliano romagnoli...*, cit., pp. 153-160.

¹² Ver Paola Corti, “Emigrazione, associazionismo e comportamenti politici in una comunità piemontese (1870-1931)”, in Fernando Devoto, *Asociacionismo, trabajo e identidad étnica - Los italianos en América Latina en una perspectiva comparada*, Buenos Aires, Cempla, 1992, pp. 267-285, e Maria Rosario Ostuni, “Operai e antifascismo a Buenos Aires: la società ‘Liber Piemont’”, in Fernando Devoto, *Asociacionismo, trabajo e identidad étnica...*, cit., pp. 303-309.

¹³ Vittorio Cappelli, “Emigrazione transoceanica e socialismo. Il caso di Morano Calabria”, in Paolo Borzomati, *L'emigrazione calabrese dall'Unità ad oggi*. Roma, Centro Studi Emigrazione, 1982, pp. 115-133.

¹⁴ Há uma ampla bibliografia, nos mais diferentes países, a respeito do tema dos judeus refugiados e sua relação com o antifascismo italiano. Ver, por exemplo, Pietro Rinaldo Fanesi, “Gli ebrei italiani rifugiati in America Latina e l'antifascismo (1938-1945)”, *Storia e Problemi Contemporanei*, 7, 1994, pp. 23-36; Joseph Gentili, “Italian Jewish Refugees in Australia”, *Australian Jewish Historical Review*, 10, 5, 1989, pp. 420-421; Vera Jarach e Eleonora Smolensky, *Colectividad judía italiana emigrada a la Argentina (1932-1943)*. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1993; Giorgina Levi e Manfredo Montagnana, *I Montagnana. Una famiglia ebraica piemontese e il movimento operaio (1914-1948)*. Firenze, Editrice La Giuntina, 2000; Marcelo Montagnana, “The Contribution of Italian Jewish refugees to Anti Fascist Activities in wartime Australia”, *Australian Jewish Historical Society*, 11, 1, 1990, pp. 82-92. Falta, porém, uma visão unificada e mais geral.

¹⁵ Ver João Fábio Bertonha, “Emigrazione e politica estera: La ‘diplomazia sovversiva’ di Mussolini e la questione degli italiani all'estero. 1922-1945”, *AltreItalie - Rivista internazionale di studi sulle popolazioni di origine italiana nel mondo*, 23, Torino, 2001, pp. 39-62. Bibliografia complementar é indicada neste texto.

¹⁶ Ver meu livro *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*, citado.

O *La Difesa* era escrito, efetivamente, com artigos e notícias vindos de jornais os mais diversos, a saber: *La Libertà* (Paris/França); *La Libera Stampa* (Lugano/Suíça); *Il Nuovo Mondo* (New York/EUA); *Il Martello* (New York/EUA) e *L'Italia del Popolo* (Buenos Aires/Argentina). Notícias e comentários locais estavam, claro, presentes, mas essas fontes internacionais de notícias são um sinal mais do que evidente da circulação de informações que ocorria dentro do universo dos antifascistas italianos, seja na Europa, América, África ou Oceania.

Além dessa circulação de notícias via jornais, havia também contatos com representantes de outros grupos de refugiados da luta antifascista em outros países presentes no Brasil, como espanhóis e portugueses, e um notável intercâmbio intelectual entre os líderes fuorusciti presentes no Brasil com os de outros países. Temos registros, de fato, de correspondência de Francesco Frola com Francesco Saverio Nitti, Pietro Nenni e outros antifascistas refugiados na França, com Albano Corneli na Argentina e até com antifascistas refugiados em lugares mais distantes, como, por exemplo, Omero Schiassi na Austrália; de troca de cartas entre Nello Garavini, antifascista do Rio de Janeiro, com o importante anarquista Luigi Fabbri no Uruguai, etc.

Também havia grande troca de favores entre os diferentes núcleos do antifascismo italiano mundial e aquele brasileiro. Em 1930, por exemplo, antifascistas de Buenos Aires lançaram um manifesto em defesa de Mario Mariani, ameaçado de expulsão pelo governo brasileiro e, quando da ditadura de Uriburu na Argentina em 1930, os jornais antifascistas italianos passaram a ser impressos no Brasil e no Uruguai e, especialmente, em São Paulo, pela gráfica do *La Difesa*, então sob a direção de Nicola Cilla.¹⁷

É curioso notar também como esta colaboração supranacional se dava, na maioria das vezes, através de um vínculo ideológico preciso. Não encontraremos, por exemplo, uma ligação dos antifascistas ligados a Antonio Piccarolo e fortemente anticomunistas com os membros do PCI na Bélgica ou na Argentina. Mas uma colaboração de Piccarolo na Associação cultural argentina presidida por seu amigo pessoal e companheiro de idéias Nicola Cilla era, claro, possível. As posições ideológicas e os conflitos e alianças internos aos antifascistas italianos do Brasil vinham e se refletiam também, pois, a partir de um referencial externo.

Nesse sentido, podemos ter uma visão mais global do movimento antifascista italiano no Brasil. Partindo de sua sede e base central, a cidade de São Paulo, o antifascismo mantinha núcleos de certa importância em locais como Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Santos e pequenos núcleos e/ou militantes isolados espalhados por todo o território brasileiro. Esses núcleos se interligavam entre si através da circulação de militantes, correspondência, jornais e notícias. Essa rede antifascista brasileira se conectava, por sua vez, à rede antifascista italiana mundial,¹⁸ de onde recebia energia e apoio para

¹⁷ Ver Pietro Rinaldo Fanesi, *Albano Corneli e l'esilio antifascista in Argentina*, Milano, Franco Angeli Editore, 1991, p. 75, e *El exilio antifascista en la Argentina*, Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1994, p. 123.

¹⁸ Após examinar em detalhes a circulação de militantes, jornais e outros elementos de ação antifascista em vários países e contextos, é minha opinião que a rede antifascista italiana mundial se dividia em três sub-redes: a européia/norte africana, a norte americana (EUA e Canadá) e a latino-americana, havendo ainda alguns ambientes (como a Austrália e a URSS) mais isolados. O fato do grosso dos relacionamentos internacionais dos antifascistas italo-brasileiros terem se dado (além, obviamente, da sede central francesa) com os antifascistas italianos da Argentina e do Uruguai parece comprovar essa teoria de que a proximidade

continuar sua luta mesmo quando as condições internas não eram favoráveis. Um aspecto curioso do combate antifascista italiano, que revela que a idéia da globalização da política estava presente entre os antifascistas italianos já nos anos 20 e 30, e que deve ser ressaltado.

Assim, não faz muito sentido pensar na história do antifascismo italiano no Brasil em termos de história brasileira ou mesmo italiana. O que temos seja no Brasil seja nos outros países de imigração italiana naqueles anos era uma densa rede transnacional que afetava as atividades tanto dos fascistas como as dos antifascistas italianos.

Efetivamente, fascistas e antifascistas italianos viviam num mundo bastante peculiar. Ao mudarem de continente ou de país, eles muito provavelmente notariam grandes diferenças de um lugar para o outro: isolamento, discriminação e preconceitos contra os italianos mais ou menos difundidos, uma estrutura política mais ou menos aberta e onde variava o apoio que chegava aos antifascistas e outros pontos abordados nesse artigo. Por outro lado, eles não teriam dificuldades em se integrar a sua nova realidade. Eles ainda falariam a mesma língua, compartilhariam as mesmas preocupações e, provavelmente, teriam inúmeras leituras e referências em comum. Isso indica como, no estudo do fascismo e antifascismo italianos fora da Itália, os conceitos de diáspora italiana (uma complexa rede de conexões sociais, políticas, econômicas e culturais que mantinham em permanente ligação a Itália com suas coletividades no exterior e estas entre si através do “nó” italiano) e de história transnacional¹⁹ são mais do que válidos se queremos realmente entender o processo de forma global e integrada. Entender o fascismo ou o antifascismo italiano em ação no Brasil (ou em outros países de imigração italiana) sem pensar em referenciais externos seria uma tarefa inútil e até sem sentido.

Conclusão

Estabelecidas as coordenadas que explicam o porquê da vitória fascista e da derrota antifascista no Brasil e o papel de fascistas e antifascistas italianos dentro de redes mundiais com ramificações no Brasil, resta tentar delimitar os possíveis efeitos das suas lutas na história política brasileira no entre guerras.

No caso brasileiro, os efeitos das lutas políticas italianas foram substanciais. De fato, no Brasil, a ação e a propaganda do fascismo italiano foi fundamental para a criação e o desenvolvimento do movimento fascista nacional, o Integralismo, e também, indiretamente, do *Estado Novo* de Getúlio Vargas.²⁰ À questão de Emilio Gentile sobre

geográfica e a similaridade de contextos formou três grandes sub-redes de circulação de pessoas, informações e notícias que se conectavam, por sua vez, em uma rede antifascista mundial.

¹⁹ Para o tema da história transnacional dentro dessa temática específica, ver Donna Rae Gabaccia, “Italian History and gli italiani nel mondo, Part I”, *Journal of Modern Italian Studies*, 2, 1, 1997, pp. 45-66; “Italian History and gli italiani nel mondo, Part II”, *Journal of Modern Italian Studies*, 3, 1, 1998, pp. 73-97, e Donna Rae Gabaccia, *Italy's many diasporas. Elites, exiles and workers of the world*. Seattle, University of Washington Press, 1999. Ver também João Fábio Bertonha, “Italiani nel mondo anglofono, latino e germanico. Diverse prospettive sul fascismo italiano?”. *Altre Italie - Rivista internazionale di studi sulle popolazioni di origine italiana nel mondo*, 26, 2003, pp. 40-64.

²⁰ Ver João Fábio Bertonha, “Entre Mussolini e Plínio Salgado: o fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil”, *Revista Brasileira de História*, 21, 40, 2001, pp. 85-105.

se a influência do fascismo italiano na vida política latino americana,²¹ via comunidades italianas. contribuiu para a difusão dos mitos totalitários na América Latina, só podemos ter, para o caso brasileiro, uma resposta positiva. Aos fascistas italianos coube, assim, um papel importante na guinada à direita da sociedade brasileira no entre guerras, o que talvez ajude a explicar os caminhos políticos da sociedade brasileira também nas décadas posteriores ao fim do fascismo na Itália.

Já do outro lado da barricada, os antifascistas italianos, apesar de derrotados no seu esforço de impedir a propaganda fascista entre os italianos que viviam no Brasil e do seu número reduzido, não colecionaram apenas derrotas, muito pelo contrário.

De fato, as atividades antifascistas italianas no Brasil dos anos 20 e 30 conseguiram quebrar o consenso absoluto pró-fascismo que o governo italiano pretendia impor e mostraram, com sua existência, que a equação “italiano = fascista” nem sempre era verdadeira, colaborando, assim, para uma melhor adaptação da coletividade italiana aos ventos da guerra que se seguiriam. As atividades antifascistas também foram fundamentais para estimular a própria atividade antifascista brasileira no período e para fecundar, devido aos contatos nacionais e internacionais mais amplos de que eles desfrutavam, o debate político nacional daquele momento, o que foi de grande importância para a política nacional na década de 30 e mesmo posteriormente. Pontos a favor dos antifascistas e um estímulo para que sua memória não seja esquecida.

²¹ Emilio Gentile, “L'emigrazione italiana in Argentina nella politica di espansione del nacionalismo e del fascismo 1900-1930”, *Storia Contemporânea*, Roma, 17, 3, 1986, pp. 355-396.